



**DACEC** Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/05/2020 a 14/05/2020

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>08/05/2020</b>	8,48	286,70	26,23	5,29	3,19
<b>11/05/2020</b>	8,52	286,30	26,19	5,24	3,18
<b>12/05/2020</b>	8,49	288,60	25,98	5,21	3,23
<b>13/05/2020</b>	8,36	285,20	25,63	5,10	3,20
<b>14/05/2020</b>	8,35	285,20	25,92	5,10	3,20
<b>Média</b>	<b>8,44</b>	<b>286,40</b>	<b>25,99</b>	<b>5,19</b>	<b>3,20</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	<b>Média*</b>	<b>Var. % relação valor anterior</b>
RS - Passo Fundo	110,50	ND
RS - Santa Rosa	110,00	ND
RS - Ijuí	110,00	ND
PR - Cascavel	108,00	ND
MT - Rondonópolis	102,00	ND
MS - Ponta Porã	97,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	101,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	100,00	ND
<b>MILHO</b>		
Argentina (FOB)**	148,00	ND
Paraguai (FOB)**	112,50	ND
Paraguai (CIF)**	161,00	ND
RS - Erechim	47,00	ND
SC - Chapecó	46,50	ND
PR - Cascavel	48,00	ND
PR - Maringá	47,00	ND
MT - Rondonópolis	40,00	ND
MS - Dourados	40,00	ND
SP - Mogiana	50,00	ND
SP - Campinas (CIF)	53,00	ND
GO - Goiânia	43,00	ND
MG - Uberlândia	46,00	ND
<b>TRIGO (***)</b>		
RS - Carazinho	1.100,00	ND
RS - Santa Rosa	1.100,00	ND
PR - Maringá	1.300,00	ND
PR - Cascavel	1.250,00	ND

Período: 13/05/2020

ND = Não Disponível.

(\*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/05/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
<b>R\$</b>	44,17	99,88	51,06

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/05/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	56,26
Feijão (saco 60 Kg)	184,67
Sorgo (saco 60 Kg)	36,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,81
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,37**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,51

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Abril/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago reagiram um pouco durante a semana, porém, após o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, no dia 12, as mesmas recuaram. Com isso, o fechamento desta quinta-feira (14), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 8,35/bushel, contra US\$ 8,41 uma semana antes.

A reação anterior ao relatório se deu em função de novas compras chinesas de soja nos EUA; de algumas preocupações com o clima nas regiões produtoras dos EUA; e da alta no preço do petróleo. Neste sentido, as vendas líquidas de soja estadunidense, na semana encerrada em 30/04, somaram 653.100 toneladas no ano 2019/20, ficando 19% acima da média das quatro semanas anteriores. Já as inspeções de exportação, na semana encerrada em 07/05, somaram 496.498 toneladas, acumulando 34,4 milhões de toneladas no atual ano comercial, contra 32,7 milhões um ano antes.

Todavia, a tensão entre China e EUA, no contexto da pandemia do novo coronavírus, acabou prevalecendo e o mercado cedeu posteriormente. Somou-se a isso os números baixistas vindos no relatório do dia 12/05, embora em boa parte o mercado já os havia precificado.

O referido relatório apontou o seguinte para a safra 2020/21 nos EUA e no mundo:

- 1) A área a ser semeada nos EUA atingiria 33,8 milhões de hectares, esperando-se uma produtividade média de 3.348 quilos/hectare ou 55,8 sacos/ha;
- 2) A produção final dos EUA chegaria a 112,2 milhões de toneladas, contra as 96,8 milhões da frustrada safra passada;
- 3) Os estoques finais nos EUA ficariam em 11 milhões de toneladas, contra 15,8 milhões um ano antes;
- 4) O preço médio aos produtores de soja nos EUA permaneceria em US\$ 8,20/bushel neste novo ano comercial;
- 5) A produção mundial de soja subiria para 362,8 milhões de toneladas (26,7 milhões acima do ano anterior), enquanto os estoques finais recuariam para 98,4 milhões, contra 100,3 milhões de toneladas um ano antes);
- 6) A produção do Brasil somaria 131 milhões de toneladas na nova safra, enquanto a da Argentina ficaria em 53,5 milhões de toneladas;
- 7) As importações da China aumentariam para 96 milhões de toneladas, contra 92 milhões previstas para o corrente ano comercial.

Para completar o quadro negativo, o presidente do Banco Central dos EUA informou que a economia estadunidense irá demorar para se recuperar dos efeitos da pandemia. Isso levou o petróleo a recuar e o dólar a subir, tirando competitividade da soja e outras commodities.

Além disso, o plantio nos EUA chegou a 38% da área no dia 10/05, contra 23% na média histórica para esta época do ano, aproveitando-se de um clima favorável.

Na Argentina, a colheita da atual safra chegava a 73% da área até o dia 07/05, contra 62% um ano antes nesta época.

No Brasil, no entanto, graças a uma nova disparada cambial, quando a moeda brasileira chegou a ultrapassar os R\$ 5,90 por dólar na semana, os preços voltaram a

subir. O balcão gaúcho fechou na média de R\$ 99,88/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 110,00 e R\$ 110,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes registraram os seguintes preços médios: R\$ 108,50 no centro e norte do Paraná; R\$ 96,00 em Sorriso (MT); R\$ 93,00 em São Gabriel (MS); R\$ 99,00 em Goiatuba (GO) e R\$ 99,00 em Pedro Afonso (TO); R\$ 101,00 em Uruçuí (PI) e R\$ 112,00/saco em Campos Novos (SC).

O prêmio nos portos brasileiros recuou um pouco, ficando entre US\$ 0,40 e US\$ 0,69/bushel. Portanto, os preços da soja continuam se valorizando única e exclusivamente em função do câmbio.

Por sua vez, a comercialização da safra 2019/20 no Brasil atingia a 85% do total colhido no dia 08/05, contra 59% na média histórica. No Rio Grande do Sul, o volume já vendido chegava a 82%, contra 41% na média. (cf. Safras & Mercado) Ou seja, os produtores estão aproveitando estes preços de exceção, pois os mesmos podem não durar muito tempo.

Já a comercialização antecipada da safra 2020/21, até o dia 08/05, chegava a 32% no país, contra 8% um ano antes, sendo que no Rio Grande do Sul a mesma atingia a 15%, contra 2% no ano anterior nesta data. (cf. Safras & Mercado) Igualmente aqui os produtores aproveitam as ofertas a preços muito elevados, pois dificilmente, em condições normais de safra e de economia, os mesmos se sustentarão na colheita do próximo ano.

Enfim, a produção final de soja no Brasil, nesta última safra, está estimada agora em 124,6 milhões de toneladas, após 119,3 milhões um ano antes. A quebra importante de safra no Rio Grande do Sul (colheita estimada em 13,9 milhões de toneladas, contra 20,4 milhões no ano passado) teria sido largamente compensada pelo aumento na produção das demais regiões produtoras no país. (cf. Safras & Mercado) Entretanto, pelos números existentes no meio rural, a produção gaúcha teria ficado ainda mais abaixo deste volume indicado, ou seja, algo ao redor de 10 milhões de toneladas já que a quebra alcançou ao redor de 50%. Em isto se confirmando, a produção nacional cairia para 120,7 milhões de toneladas neste ano.

## **MERCADO DO MILHO**

As cotações do milho em Chicago voltaram a reagir um pouco durante a semana, apesar de o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 12/05, ter sido amplamente baixista para o cereal. Assim, o fechamento desta quinta-feira (14) ficou em US\$ 3,20, contra US\$ 3,16 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA apontou o seguinte para o ano comercial 2020/21:

- 1) A área semeada nos EUA seria de 39,2 milhões de hectares e a produtividade média esperada é de 11.204 quilos/hectare (186,7 sacos/ha).
- 2) A produção de milho nos EUA atingiria a 406,3 milhões de toneladas, com um aumento de 59,3 milhões de toneladas sobre o ano anterior;
- 3) Os estoques finais nos EUA somariam 84,3 milhões de toneladas, contra 53,3 milhões um ano antes;

- 4) O preço médio aos produtores estadunidenses de milho, neste novo ano, ficaria em US\$ 3,20/bushel, após US\$ 3,60 um ano antes;
- 5) A produção mundial de milho subiria para 1,187 bilhão de toneladas, adicionando 72 milhões de toneladas sobre o total do corrente ano comercial;
- 6) Os estoques finais mundiais de milho chegariam a 340 milhões de toneladas, contra 315 milhões um ano antes;
- 7) A produção do Brasil e da Argentina está projetada em 106 milhões e 50 milhões de toneladas respectivamente.

Dito isso, as vendas líquidas de milho estadunidense, na semana encerrada em 30/04, somaram 774.600 toneladas, representando um recuo de 36% sobre a média das quatro semanas anteriores.

Ao mesmo tempo, o plantio do milho avança celeremente nos EUA, atingindo a 67% da área até o dia 10 de maio, contra 56% na média histórica. O clima está normal, permitindo um plantio até mesmo precoce, o que tende a diminuir as perdas em caso de seca no auge do verão estadunidense.

Na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB de milho fechou a semana em US\$ 148,00 e US\$ 112,50 respectivamente.

E no Brasil os preços continuaram com leve viés de baixa, sendo que o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 44,17/saco, enquanto os lotes giraram entre R\$ 46,50 e R\$ 47,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 35,00 em Sinop (MT) e R\$ 50,00/saco na Mogiana paulista.

Dois elementos atuam sobre o mercado nacional neste momento: o clima na safrinha onde, além de geadas, já há regiões com falta de chuva e perdas nas lavouras (em São Paulo e no Norte do Paraná esta situação é mais evidente, embora a ocorrência de chuvas nesta última semana); e a intensa desvalorização do Real, a qual aumenta a competitividade do produto brasileiro na exportação. Em continuando assim, o viés de baixa tende a rapidamente ser revertido, mesmo com a entrada da safrinha a partir do final de junho. Neste momento, os preços nos portos giram entre R\$ 49,00 e R\$ 50,00/saco.

Diante disso, a BM&F continua precificando valores para julho bem abaixo do que está sendo indicado nos portos de embarque nacionais, acusando um descompasso entre o mercado bursátil e o físico. Algo que já ocorreu para o contrato de maio até o seu vencimento.

Dito isso, a colheita brasileira de milho de verão chegava a 88% da área no dia 08/05, contra 91% na média histórica. O grande atraso continua sendo em Minas Gerais e em Goiás/DF. (cf. Safras & Mercado)

Por outro lado, a comercialização da safrinha teria alcançado, no final da primeira semana de maio, a 36% do volume esperado, contra 30% um ano antes. O volume final foi revisto para baixo, ficando agora em 69,6 milhões de toneladas, contra 74,4 milhões no ano anterior. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, a oferta e demanda brasileira de milho, no ano comercial 2020/21, indica uma produção total de 101,5 milhões de toneladas; uma demanda interna de 73,1 milhões de toneladas, sendo 64,8 milhões para a indústria de ração e 6,8 milhões para a fabricação de etanol; outras 30,4 milhões de toneladas deverão ser exportadas; ficando 9 milhões de toneladas em estoque final. Cerca de 12,2 milhões de toneladas serão transferidas entre Estados. (cf. Safras & Mercado)

## MERCADO DO TRIGO

Para o trigo, o primeiro mês cotado em Chicago fechou a quinta-feira (14/05) em US\$ 5,10/bushel, contra US\$ 5,29 uma semana antes.

O mercado reagiu negativamente aos números vindos do relatório de oferta e demanda do USDA. O mesmo indicou o seguinte para o ano 2020/21:

- 1) Área semeada com trigo nos EUA em 18,1 milhões de hectares, e produtividade média esperada de 3.328 quilos/hectare (55,5 sacos/ha);
- 2) Uma produção de 50,8 milhões de toneladas nos EUA, contra 52,3 milhões no ano anterior;
- 3) Estoques finais nos EUA em 24,7 milhões de toneladas, contra 26,6 milhões no ano anterior;
- 4) Preços médios aos produtores estadunidenses, neste novo ano comercial, em US\$ 4,60/bushel;
- 5) Produção mundial de milho em 768,5 milhões de toneladas, com acréscimo de 4,2 milhões sobre o total do ano anterior;
- 6) Estoques finais mundiais em 310,1 milhões de toneladas, após 295,1 milhões no ano anterior;
- 7) Produção brasileira e argentina de trigo neste novo ano em 5,5 milhões e 21 milhões de toneladas respectivamente;
- 8) Importações brasileiras projetadas em 7,1 milhões de toneladas.

Dito isso, o clima nos EUA continua sendo um fator relevante para o mercado do trigo neste momento. Além disso, as exportações contam muito para dar uma direção ao mercado. Neste último caso, as vendas líquidas estadunidenses somaram 244.800 toneladas na semana encerrada em 30/04, representando um recuo de 15% sobre a média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2020/21 tais vendas somaram 135.300 toneladas, levando a soma dos dois anos a ficar dentro das expectativas do mercado. Já as inspeções de exportação atingiram a 340.310 toneladas na semana encerrada em 07/05.

No início da semana o clima frio sobre as regiões produtoras chegou a dar um indicativo de alta nas cotações, porém, isso não se sustentou no final da semana. A menor demanda pelo produto dos EUA e os números mundiais do relatório do USDA esfriaram a tendência altista.

Também aqui o discurso do presidente do FED estadunidense deixou o mercado desanimado, pois o mesmo indicou uma reabertura da economia, pós-pandemia, muito lenta, assim como a retomada do crescimento econômico nos EUA.

Neste contexto, a tonelada de trigo FOB oficial na Argentina, mesmo ficando em US\$ 240,00, acabou se valorizando no Brasil pela nova e forte desvalorização do Real. Com isso, a mesma chega aos moinhos paulistas valendo R\$ 1.635,00, enquanto em Curitiba bate em R\$ 1.530,00. Para novembro, o produto argentino ficou cotado em US\$ 213,00/tonelada.

Já no Brasil, os preços do cereal se mantiveram em alta. O balcão gaúcho fechou a semana valendo R\$ 51,06/saco, enquanto os lotes atingiram a R\$ 66,00. No Paraná, o balcão oscilou entre R\$ 56,00 e R\$ 63,00/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 75,00 e 78,00/saco. Em Santa Catarina o balcão permaneceu entre R\$ 47,00 e R\$ 48,00, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, ficaram em R\$ 63,00/saco.

A forte desvalorização do Real deixa o trigo importado cada vez mais caro em moeda nacional, fato que valoriza o produto brasileiro. Ao mesmo tempo, há pouco produto de qualidade disponível, inclusive no Mercosul. Soma-se a isso o plantio da nova safra e o comportamento climático, e o quadro está formado para manter o preço do trigo em alta até a entrada da nova safra, em setembro.

Em paralelo, os efeitos da pandemia do coronavírus continuam impactando a economia nacional, com o consumo de trigo igualmente se mostrando menor, fato que segura um pouco as altas de preço da matéria-prima.

Mesmo assim, considerando uma retomada parcial da economia no segundo semestre, caso o clima venha a prejudicar mais uma vez a safra de trigo, os preços tenderão a continuar subindo mesmo durante a colheita. Caso contrário, em safra normal, os preços devem recuar a partir de setembro, especialmente se o câmbio retroceder um pouco, deixando as importações mais baratas.